



A tecnologia na escola de hoje: exclusão feminina?

Nas últimas décadas temos assistido a uma constante evolução da tecnologia, principalmente na área dos computadores. Começou-se por ter um computador em casa e acabou-se na leccionação de disciplinas informáticas nas escolas.

Hoje, mais do que pertencer a uma disciplina de informática, os computadores tentam entrelaçar-se com outras áreas da Educação, invadindo ainda mais as escolas, exigindo muito mais dos professores.

Fala-se em integrar os computadores na sala de aula de modo a permitir uma melhor aprendizagem e motivação da disciplina. Este é um assunto bastante frágil e que aborda diversos aspectos. Inicialmente, podemos julgar que os alunos irão gostar mais de uma aula com os computadores, pela novidade, pela tecnologia e por todos os recursos que nos dá e ajuda a uma melhor aprendizagem do aluno.

Contudo, experiências provam que nem sempre é assim. Apesar de vivermos num mundo onde a tecnologia parece reinar, ainda há jovens que não possuem um computador em casa e, às vezes, mesmo tendo-o, não sabem trabalhar com ele. Ora, compreende-se assim que alguns alunos se sintam atrapalhados durante a realização de aula com computadores, como afirma uma aluna 9º ano "Senti dificuldades pois não sei usar muito os computadores, prefiro uma aula normal". Esta aluna era uma aluna de nível 4, com quem juntei, na aula, um aluno de nível 2, esperando que a aluna o ajudasse. Surpresa! Aconteceu exactamente o contrário. O aluno terminou a tarefa sozinho, além de ter compreendido os conteúdos.

De facto, houve uma barreira entre a aluna e o computador: a sua utilização. Note-se que lhes foi fornecido uma ficha-guia com todos os passos a usar no computador e, mesmo assim, a aluna teve dificuldades. O mesmo aconteceu a uma aluna de nível 5. Aliás, tinha mesmo alunas que se recusavam a utilizar o rato, demonstrando um certo medo e desconhecimento. Reparei que os rapazes realizavam a ficha com maior compreensão e rapidez, mostrando um certo fascínio e domínio da tecnologia.

Se analisarmos bem, desde crianças que os rapazes brincam com jogos, inclusive — e cada vez mais — nos computadores. Parece que há uma tendência social, e até mesmo cultural, de fazer vincar essa relação homem/tecnologia. Aliás, pode-se reflectir pelo número de rapazes e raparigas que escolhem áreas tecnológicas.

Eventualmente, em crianças de sexos diferentes, entre os 6–10 anos, não se evidenciam muitas diferenças face à visão, uso e interesse pelos computadores. É na pré-adolescência que as diferenças começam a sentir-se, muitas vezes associadas a esses factores sociais e culturais, fazendo com que as raparigas se distanciem, desintessem e se sintam frustradas.

Na verdade, a sociedade já quase exclui as raparigas da tecnologia, desencorajando-as para esta área. Deste modo, não admira que estas atinjam a adolescência dotadas de um medo face aos computadores e a todo o seu mundo. Aliás, muitas das raparigas associam os computadores aos jogos que os rapazes utilizam, não verificando nenhuma verdadeira utilidade, muito menos aprendizagem. Assim, é normal as raparigas de hoje ficarem hesitantes quanto à vantagem da aprendizagem através de um computador. Elas próprias já criaram um mito dentro delas, que nesta idade é já difícil quebrar.

Os factores sociais e culturais em que vivemos hoje são, sem dúvida, muito influentes e responsáveis por toda esta diferença de ideias e visões por parte de jovens de sexos diferentes. Mas, e também sendo reflexo desses factores, não terão os pais muita culpa nisto? Se um casal tiver uma filha e um filho, a quem darão eles um computador com mais facilidade? Será à rapariga? Não. Salvo raras excepções, os próprios pais associam os seus filhos à tecnologia, defendendo que não são assuntos para raparigas. Os pais são os primeiros a vincar estas diferenças, criando nas suas filhas um preconceito face aos computadores e uma ideia de que não é material para elas.

No ano passado presenciei uma situação que revela um pouco esta ideia. Uma aluna do 9º ano tinha dito que tinha pedido um computador aos pais para o Natal. De facto, a aluna estava muito entusiasmada com o assunto, o que é óptimo e revela que, passo a passo, vai-se derrubando esta ideia tradicional de que os computadores são para os rapazes. Ora, a verdade é que, depois das férias, perguntei-lhe se tinha recebido o computador que tanto desejava e ela simplesmente respondeu "Não, teve o meu irmão, eu tive outras coisas". Isto remete-nos para essa ideia de que os pais defendem a ideia homem/tecnologia. Mais do que nós, professores, tentarmos combater estas diferenças, permitindo a todos os alunos a compreensão da utilização destes materiais, cabe aos próprios pais trabalhar nesse sentido. Se não começar em casa, como poderão os professores fazer milagres?

No entanto, mesmo sem a ajuda dos pais, tentemos lutar pelos nossos alunos. Numa era em que o futuro parece igualar-se à tecnologia, é importante que os professores ajudem os seus alunos numa melhor preparação. Daqui poucos anos, já quase não existirão empregos em



mas tenho perfeita consciência que isto só será possível num número muito reduzido de casos.

prática suficiente. Portanto, as minhas observações resultam apenas de alguma leitura e de grande convicção da



que não sejam exigidos conhecimentos informáticos. Nesta perspectiva, cabe a nós, professores, trabalhar no sentido de mostrar a estas raparigas a importância e as vantagens do uso (moderado) do computador. Mais do que isso, é responsabilidade nossa, PROFESSORAS, dar o exemplo, encorajando-as para esta área, mostrando-lhes que somos capazes e que a informática não foi criada em função dos rapazes.

Assim, talvez seja importante, numa aula com computadores, tratar todos os alunos do mesmo modo, não realçando dificuldades maiores que alguns alunos/alunas possam ter.

Para evitar que haja estas discrepâncias face ao uso de computadores por parte dos alunos/alunas, dever-se-ia começar a fazer esta abordagem desde a escola básica, fazendo com que as meninas se sintam seguras. Deste modo, essa segurança seria transportada para a adolescência de uma maneira mais sólida.

A tecnologia deve ser vista como uma ferramenta que podemos utilizar para ensinar os alunos. Devemos fazer sempre o melhor uso dela, sem os/nos prejudicar. Não deixemos que a sociedade estrague o futuro dos nossos alunos. Mesmo com computadores, continuemos a lutar por um ensino PARA TODOS!

Mariana Mendonça
Grande colégio universal, Porto

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de modo a tornar compatível a inclusão de todas as contribuições no espaço disponível da revista.